

Órfãos da hemodiálise

Ignoradas pelo governo federal, 52 pessoas perderam pai ou mãe na Chacina de Caruaru

Marcelo de Moraes
Da equipe do Correio

Emerson da Silva tem 16 anos. Não estuda e está procurando serviço. Em fevereiro, sua vida começou a desmoronar. Já era órfão de pai. Desde o dia 10 de março deixou também de ter mãe. Sofia Maria da Silva foi uma das 36 vítimas da "chacina de Caruaru". Morreu envenenada pela contaminação do tratamento de hemodiálise do Instituto de Doenças Renais (IDR) de Caruaru. Sobrevivia vendendo esmaltes, batons e perfumes baratos.

"Não sei como vou fazer agora", diz o órfão Emerson, assustado.

Ivone de Alcântara Silva e Maria Aparecida são irmãs. Mesmo chorando muito, as duas ficaram quase três horas de pé, na praça da Catedral, em Caruaru, participando de uma manifestação contra a tragédia da hemodiálise. Tinham perdido o pai, Paulo José, outra vítima da contaminação. Ivone e Maria Aparecida estão completamente transtornadas. Exigem justiça.

"Muitas famílias estão enlutadas. Muitas outras vêm por aí", conta Maria Aparecida, sem conseguir falar mais.

INFECTADOS 126 MORTOS 36

Desde a contaminação do material usado no IDR, ocorrido em 13 ou 14 de fevereiro, 126 pessoas foram infectadas. Dessas, até quinta-feira, dia 4, 36 tinham morrido de hepatite tóxica. 22 homens e 14 mulheres.

Morreu gente muito jovem, como Ricardo Alexandre Borges de Oliveira, estudante de 21 anos. Morreu gente bem idosa, como o aposentado João Francisco de Melo, de 75 anos. Ao todo, 52 pessoas perderam pai ou mãe por causa da falha do IDR.

"Estou entregando a história para Deus", resigna-se Josetilde Clemente da Silva, rezando para que o pai, José Clemente Filho, sobreviva.

A tragédia destruiu muitos lares. A maior parte de famílias humildes. Eram sete aposentados, seis agricultores, cinco empregadas domésticas, quatro donas de casa, três mecânicos, três comerciantes, dois vendedores, um industrial, uma costureira, um vigilante, um estudante, um vaqueiro e um motorista.

QUEM SERÁ A PRÓXIMA VÍTIMA

A moeda tem dois lados. De tanto ver gente morrer, os outros doentes não conseguem espantar a sombra de serem os próximos.

Irene Domingos de Souza é viúva. Tem oito filhos e luta para sobreviver à tragédia. Está sem trabalhar desde que ficou doente. Enquanto vai à Caruaru se tratar deixa Patrícia, sua filha mais velha, em Ibirajuba, tomando conta dos sete irmãos (sendo três pares de gêmeos).

"Já falei que ela precisa se casar logo", conta Irene, prevendo um futuro difícil.

Os parentes das vítimas começaram a organizar um movimento para obter uma indenização na Justiça pelas mortes. Querem processar os diretores do IDR, Bráulio Coelho e Ildefonso Rodrigues. Se ganharem, esperam pegar o dinheiro para ajudar a reconstruir as vidas das famílias.

"Só que isso não vai trazer minha mãe de volta", desabafa Dora Cristina da Silva, filha de Dulcinéia Alves da Silva.

MORTE OU SEQÜELAS, NINGUÉM ESCAPARÁ

A tragédia atingiu vários jovens. Se conseguirem escapar, dificilmente poderão levar uma vida igual a das pessoas de sua idade. José Aildo Caetano tem só 22 anos. Mesmo com problemas renais, ainda conseguia trabalhar na roça. Depois da contaminação, só faz tratamento.

"Não dá mais para pegar na enxada. Eu não aguento", conta, desconsolado.

Para quem tinha disposição para encarar a lavoura diariamente, a fragilidade imposta pela hepatite tóxica é desconcertante. Todos os doentes apresentam sintomas iguais. Enjôos, vômitos, tontura, cegueira progressiva, fraqueza nas pernas, inchaços.

"Só faço comer e vomitar", confirma José Aildo.

O DISPENSÁVEL MOMENTO DE GLÓRIA

Solange Rodrigues tem 20 anos. Maria de Fátima Moura tem 22. São jovens mas não estão em nenhum colégio ou faculdade. Não tem namorados. Também não trabalham. No final de semana, não podem ir ao cinema ou passear. Internadas no Hospital Barão de Lucena, em Recife, sua rotina se limita a sair três vezes por semana para fazer hemodiálise

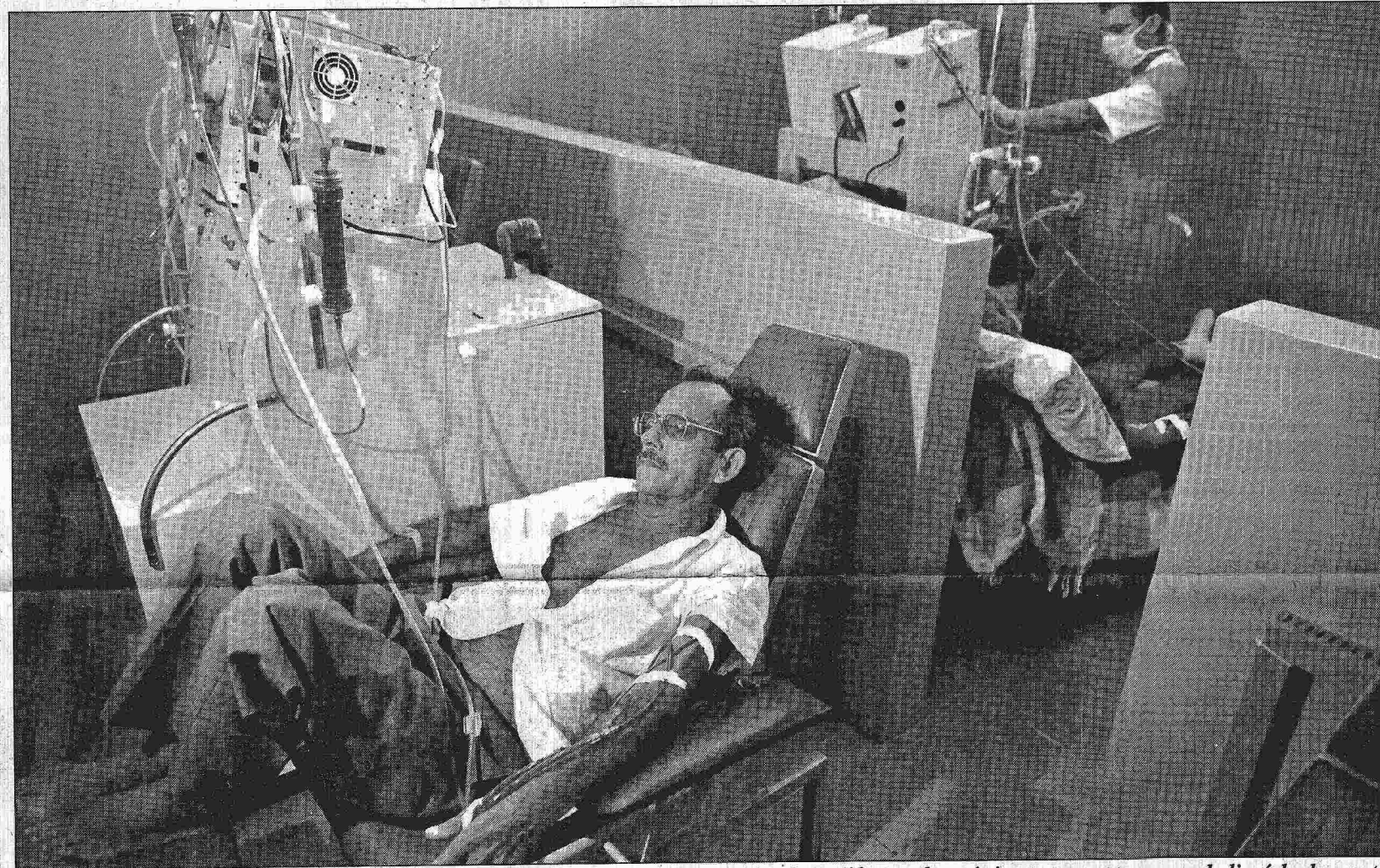
Fotos: Carlos Moura



Ivone de Alcântara Silva, órfã de Paulo José Silva, exige justiça



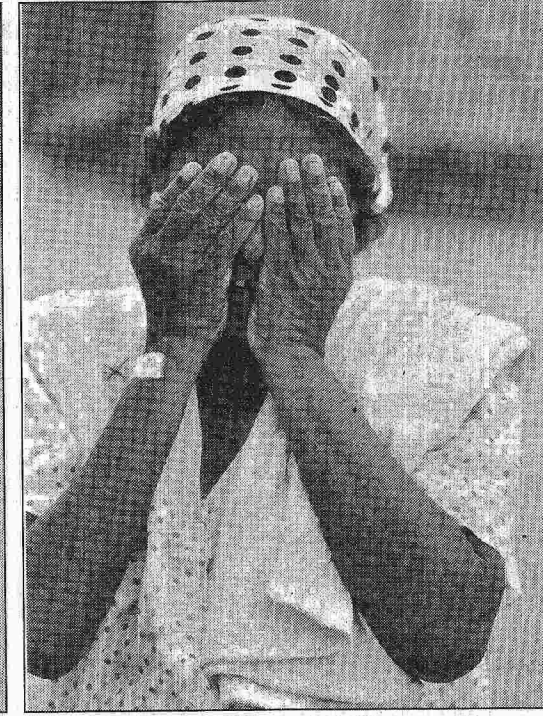
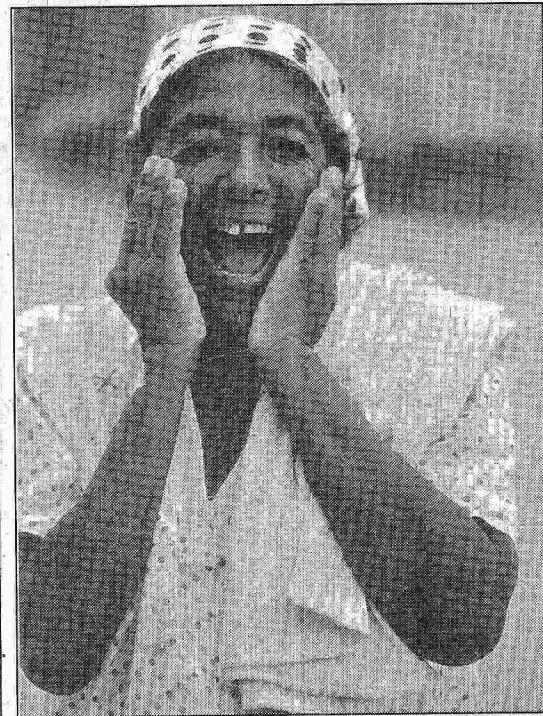
Solange Rodrigues(D) e Maria de Fátima Moura: esperança em Recife



Abenildo Coelho Tabosa na sala de hemodiálise do Hospital Geral de Urgência, de Recife, recebe o único tratamento que pode livrá-lo da morte



Irene Domingos de Souza, viúva, oito filhos, sem poder trabalhar: angústia de ser a próxima vítima antes que a filha mais velha se case



lise no Hospital Geral de Urgência e a rodar pelos corredores do sexto andar do Barão de Lucena.

"Eu tenho esperança de ficar boa", sonha Solange.

As duas se conheceram no IDR fazendo tratamento. Foram contaminadas no mesmo dia. Estavam na sala da hemodiálise na mesma hora no dia 13 de fevereiro. Solange, mais extrovertida, puxou logo assunto e iniciou a amizade.

"Ela é meio tímida", reconhece Solange.

As duas meninas preservam sua vaidade feminina na medida em que a situação permite. Fátima tem um resto de esmalte cor de rosa nas unhas. Na mão esquerda, usa um pequeno anel. Sorri, tímida, quando é fotografada.

A maior desinibição garantiu à Solange uma participação de trinta segundos no Jornal Nacional, da TV Globo.

"Gostei de me ver na televisão", confessa.

MEDO E ENJÔO SEM DISFARCE

Apesar disso, as duas não disfarçam o medo que sentem.

"Não sei o que vai acontecer. Eu sinto muito enjôo. Chego a vomitar fazendo hemodiálise", relata Fátima.

A internação em Recife foi o único jeito de Fátima seguir à risca o tratamento. Sem dinheiro para pagar a passagem de ônibus de Ibi-Mirim até Caruaru (R\$ 13,00), ela deixava de fazer a hemodiálise obrigatória. Por causa da intoxicação, ela precisa de três sessões de quatro horas por semana. Sem emprego, acabava não podendo viajar.

E por causa da fraqueza, nenhuma das duas tem condições de arrumar algum emprego e ganhar dinheiro.

"Não dá nem para arrumar a casa. É um cansaço muito grande", descreve Solange.

A corrida para escapar da fila da morte é tão desesperadora que somente os parentes dos doentes têm disposição para cobrar uma ação que impeça a impunidade para a tragédia.

IMPUNIDADE À VISTA E DESCASO FEDERAL

"Será que isso vai ficar sem punição? Tenho muitas dúvidas de que alguém seja preso por causa de to-

das essas mortes", reclama João Carlos Tabosa, que tem o pai Abenildo Tabosa internado no Barão de Lucena.

Até agora, o único gesto mais forte foi o descredenciamento definitivo do IDR. As primeiras investigações provaram que houve, no mínimo, negligência dos seus diretores em relação ao cumprimento das fiscalizações obrigatórias.

"Não sei como deixavam essa clínica funcionar. Estava em péssimas condições", conta o deputado estadual Antônio Mariano (PFL), vice-presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito aberta para investigar o caso.

O pouco interesse demonstrado pelas autoridades federais pode fazer com que o caso acabe indo dormir em alguma gaveta oficial, sem punições para os culpados. Desde o dia 18 de fevereiro, uma terça-feira de Carnaval, os pacientes do IDR caíram doentes.

A direção do instituto só informou que havia algo errado com a clínica no dia 6 de março, quando já haviam morrido 12 pessoas. Bastou que as autoridades comessem a se mexer para descobrir o que tinha acontecido para novos problemas ocorrerem. Os diretores do

IDR removeram todos os equipamentos da clínica para um outro imóvel sem avisar ninguém. Por uma denúncia anônima, o deputado Romário Dias (PFL), presidente da CPI, organizou uma batida no local e recolheu os equipamentos. Segundo Bráulio Coelho, diretor do IDR, a mudança foi feita às claras, sem intenção de esconder qualquer coisa.

O número de mortes chegou a 36 e parece ainda não ter sensibilizado o governo. Só na última semana, seis pessoas morreram. O ministro da Saúde, Adib Jatene, não deixou seu gabinete em Brasília para ver como estavam os outros doentes, mesmo sendo a maior tragédia da medicina brasileira e o maior número de mortes por contaminação de hemodiálise em todo o mundo.

O presidente Fernando Henrique Cardoso também não reservou sequer uma palavra de atenção ou alguma instrução especial para a tragédia de Caruaru. No Congresso, apenas foram feitos alguns discursos. Para os mortos, ninguém se lembrou de pedir pelo menos uma sessão solene de homenagem. Em compensação, Câmara dos Deputados e Senado já usaram seus plêná-

rios para prestar reverência, por exemplo, ao centenário do Flamingo, ao aniversário da criação do estado de Tocantins e a qualquer jornal que comemore a data de sua fundação.

BARBOSA PEDE AJUDA AOS EUA

Em Pernambuco, o descaso é apenas um pouco menor. O governador Miguel Arraes ainda não visitou os doentes. O secretário estadual de Saúde, Jarbas Barbosa, no entanto, tem vivido as últimas três semanas em função do caso. Já pediu ajuda para técnicos dos Estados Unidos e outros especialistas brasileiros.

As descobertas foram muito limitadas. Existe a certeza de que a contaminação aconteceu na água usada na hemodiálise. A substância venenosa ainda não foi descoberta, mas fala-se de microalgas e de metais pesados. Existe também a hipótese de que algum agrotóxico tenha ido parar na água usada pelo IDR.

Na verdade, as investigações serviram para mostrar a penúria das clínicas brasileiras. As vítimas do IDR que permaneceram em Caruaru passaram a fazer sua hemodiálise no Instituto de Nefrologia e Urologia de Caruaru (INUC), de propriedade de Ildefonso Rodrigues. Ele é justamente um dos médicos responsáveis pelo IDR.

SITUAÇÃO GERAL É LAMENTÁVEL

Não havia fiscalização no IDR há pelo menos dois anos. Como, aliás, não era feita em boa parte dos institutos de tratamento renal de Pernambuco. Bastou uma batida dos fiscais sanitários para que o Instituto de Doenças Renais de Petrolina fosse também interditado essa semana.

No INUC, as condições não são muito melhores. Na quarta-feira, Caruaru viveu um princípio de pânico. A água da clínica, usada na hemodiálise, começou a ficar amarela e os tratamentos tiveram que ser suspensos naquele dia.

No último sábado, faltou água no INUC. Isso teria acelerado a morte de João Francisco de Melo. Sem água, não pôde fazer sua hemodiálise. Voltou para casa, piorou e morreu no final da noite de domingo.

"Sabemos que a situação é extremamente grave e estamos tentando dar as melhores condições para que essas pessoas recobrem a saúde", diz Jarbas Barbosa.

DESCOBRIR A CAUSA NÃO SALVARÁ NINGUÉM

O problema é que mesmo depois de descoberta a substância que envenenou todos os doentes isso não servirá de nada para reverter a hepatite tóxica. Servirá, no máximo, para ajudar a definir de quem é a culpa por toda essa matança.

Sem complicações, a doença renal já é um problema extremamente grave. O tratamento é doloroso e requer cumprimento rígido das instruções médicas. O paciente fica com agulhas espetadas nos braços por quatro horas e enjoa de verdade.

"O gosto que vem para boca é tão ruim que a gente não suporta e vomita", descreve Solange Rodrigues.

Nem mesmo a transferência para Recife diminuiu a agonia. Na segunda-feira passada, Joana D'arc de Queirós teve que ser retirada às pressas da kombi do Barão de Lucena por um motivo muito simples: precisava vomitar. O carro só pôde sair depois de cinco minutos.

Conforto também não existe para esses doentes. O Barão de Lucena é um hospital correto na sua higiene e no seu atendimento. Ele é tão bom quanto pode ser um hospital brasileiro com 23 anos de existência (foi inaugurado em 1973 pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici). O sexto andar do hospital foi separado para as vítimas da tragédia.

PROBLEMAS MENORES AJUDAM A COMPLICAR

Mesmo assim, há problemas claros. Quando Joana D'arc enjoou, ela se preparava para fazer sua hemodiálise no HGU, uma clínica moderna e bem aparelhada. Difícil foi chegar ao hospital. Primeiro, tentaram colocar a primeira turma que faria o tratamento numa kombi com uma maca no interior. Os doentes se recusaram.

Uma hora e meia depois chegou uma nova kombi. Dessa vez, há mais espaço. Mesmo assim, 14 doentes tiveram que se espremer no interior do carro para ir até o HGU, a cerca de 300 metros de distância.